

“Putaria” enquanto conceito desejo e sexualidade na prática orgiástica

*“Putaria” as concept: desire and sexuality
in orgiastic practice*

Victor Hugo de Souza Barreto

*Doutor em Antropologia
Pós-Doutorando do Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ¹
torugobarreto@yahoo.com.br*

¹ Bolsista PDJ/CNPq (Processo 150721/2017-0).

02

Resumo

Nesse artigo, apresento um dos “princípios” e, talvez, o principal deles, que pude encontrar durante uma pesquisa realizada em festas de orgia para homens organizadas na cidade do Rio de Janeiro, que é o da “putaria”. Através da observação e da análise do desejo e da sexualidade presente nesse contexto, percebi que os discursos e práticas em torno do que chamam de “putaria” é onde acredito se centrar a singularidade de “invenção” dos atores com quem interagi durante a pesquisa. Da mesma forma, acredito que aqui pode se centrar a singularidade desse trabalho, ao propor a “putaria” como um conceito. É a partir dela que se centram as práticas presenciadas nesses espaços e é a partir dela que entendi a ida a essas festas como uma forma singular de engajamento no mundo e como possível disruptora dos chamados marcadores sociais da diferença.

Palavras-chave: Sexualidade; Interseccionalidade; Subjetividade.

Abstract

In this article, I present one of the “principles,” and perhaps the main one, that I found during a survey conducted at orgy parties for men organized in the city of Rio de Janeiro, which is that of “putaria”. In the analysis of desire and sexuality present in this context, I realized that the discourses and practices around what they call “putaria” is where I believe to focus the singularity of “invention” of the actors with whom I interacted during the research. In the same way, I believe that here the singularity of this work can be centered in proposing “putaria” as a concept. It is from this that the practices observed in these spaces are centered and it is from this that I understood the going to these parties as a singular form of engagement in the world and as a possible disruptor of the so-called social markers of difference.

Keywords: Sexuality; Intersectionality; Subjectivity.

Apresentação

Nesse artigo apresento algumas das conclusões obtidas através de uma pesquisa realizada para meu Doutorado em Antropologia². Ali desenvolvi uma pesquisa sobre a prática do sexo coletivo/grupal em festas organizadas exclusivamente para homens na cidade do Rio de Janeiro. Ao longo dos anos de 2013 a 2015 acompanhei quatro desses eventos que são periodicamente organizados em espaços comerciais pela cidade. As festas se dividiam entre aquelas que exigiam algum tipo de processo seletivo para os participantes e aquelas que fossem abertas para que qualquer um que quisesse ir, desde que fosse homem e correspondesse a um determinado perfil de masculinidade desejado. O número de participantes varia muito, mas fica em torno de 150 a 200 homens naqueles eventos que não exigem seleção e no máximo 50 naqueles onde há o processo seletivo.

“Ir para a putaria”. É assim como facilmente os homens que participam das festas pesquisadas resumem a ida a esses eventos. “Putaria” aqui é um termo-conceito que pode abarcar tanto as práticas quanto as pessoas, os espaços, as performances, as intensidades ou o próprio movimento durante os eventos ou para essas festas. É claro que o termo não é restrito aos espaços das festas de orgia. A palavra “putaria” costuma ser usada em outros contextos na sociedade brasileira, principalmente àqueles relacionados a acusações de bagunça e desordem. Trata-se de um termo de valoração moral: “isso daqui virou uma putaria”, ou seja, tornou-se caótico, anárquico, onde não se respeita mais as regras e os valores; onde não se trabalha ou se leva nada a sério; onde a “moralidade” se perde ou se dilui e onde as pessoas ali envolvidas e que praticam o que se está tachando de “putaria” são associadas a figuras que carregam estereótipos negativos: malandros, vagabundos, bandidos, pervertidos, corruptos, enfim, àqueles que se contrapõem aos elementos tidos como valorizados em nossa sociedade (Da Matta, 1983).

² A Tese defendida deu origem à recente publicação (Barreto, 2017).

“Putaria”, tal como elaborada e utilizada nesses espaços orgiásticos, de longe se assemelha a alguma forma de valoração negativa como a encontrada “do lado de fora” das festas. Ainda que esse sentido mais negativo possa surgir aqui assumindo outras formas, como apontarei adiante, a ideia está muito mais próxima dos desejos, dos corpos e dos prazeres. A “putaria” aqui é um princípio poderoso, *um fluxo de intensidade mais do que desejado* e que, ao se agenciar à masculinidade exagerada³ e à exigência de uma discricção e sigilo, potencializa as interações e as práticas alimentando a eferescência do sexo coletivo, podendo até mesmo deslocar ou desestabilizar esses dois outros princípios⁴. Daí a percepção da importância de tratar a “putaria” aqui como um conceito em si (um conjunto de discursos, práticas e elaborações próprias de meus interlocutores que pretendi levar a sério) e não apenas como uma categoria êmica.

É, assim, meu objetivo nesse artigo apresentar uma reflexão sobre os significados assumidos pelo termo “putaria” a partir das práticas sexuais realizadas entre homens na cidade do Rio de Janeiro nessas reuniões de orgia. O que a experiência, ou melhor dizendo, a experimentação da sexualidade nessas festas parece colocar em jogo são outros modos de subjetivação e corporalização, modos propriamente intensivos, onde a intensidade do instante de vida (ou de gozo) pode até se impor sobre a duração da vida em extensão, ou sobre os outros aspectos da vida dessa pessoa. Com base em minhas análises de campo, o meu interesse neste texto é refletir melhor sobre o que é a ideia de “putaria” como *modo singular de engajamento no mundo* e sua potência disruptora ante aos chamados marcadores sociais da diferença.

³ Performance de gênero masculina necessária a esses espaços, como detalho melhor em Barreto, 2017.

⁴ “Princípios” foi como denominei os pontos nodais das práticas observadas nessas festas. Percebi que o desejo ali se concentrava a partir de três elementos principais: a masculinidade, a discricção e a “putaria”. Esses princípios podiam ser observados a partir da construção de toda uma ética local, de formas de comportamento e performance, de roteiros sexuais e etc. Conferir Barreto, 2017.

O corpo na economia do prazer orgiástico

Uma pesquisa que se faça entre pessoas interagindo em atividades de sexo coletivo não pode se furtar a uma discussão sobre corporalidade. Não apenas porque seja uma “problemática obrigatória”, mas porque, de fato, é a linguagem principal que pude encontrar nesse campo. Essa característica acaba por apresentar uma forma de produção da subjetividade que foge, pela corporalidade, ao debate dicotômico já muito feito nas ciências sociais entre “pessoa” X “indivíduo”. Nem pessoa nem indivíduo, os atores aqui se reconhecem e se constroem pela apresentação e uso de seus corpos. A especificidade é tanta que esse corpo chega ao nível da fragmentação, partes do corpo que se separam, ganham agência e vão ao encontro do desejo do Outro. Torna-se inevitável, portanto, que a discussão das orgias aponte para a discussão do que Mauss (2003) chamou de *técnicas corporais*, isto é, “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de uma maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (p. 401).

Os usos e as técnicas corporais aqui giram em torno da economia dos prazeres envolvidos nas práticas sexuais. Qualquer observação um pouco mais demorada em uma dessas festas percebe uma determinada dança dos corpos, um certo balé das interações em multidão: dois corpos que se tocam, se chupam, se (inter)penetram, um terceiro entra e os dois antes se desfazem quando um sai com o terceiro para outra atividade. Um quarto e um quinto chegam nos outros dois que sobraram e podem ou não se misturar. Esse número é relativo, já que algumas interações podem contar com até mesmo vinte homens. Às vezes só ensaiam uma aproximação, ou então se roçam, tocam, beijam, chupam, mas não necessariamente se penetram. O interesse ou o desejo se perde, se acumula, se (re)direciona a um ou a outro em ondas de tamanhos inesperados.

Essa economia de que falo se percebe de maneira mais presente na questão do gozo, do orgasmo propriamente dito. Não vejo que “gozar” seja o objetivo único e exclusivo dessas festas, mas é o que finaliza, completa, demarca uma nova temporalidade ou etapa da festa para cada um: “já estou satisfeito e vou embora” ou “ainda não, devo continuar aqui porque quero gozar mais” ou “ainda vou ficar mais um

pouco quem sabe algo mais apareça”. Tanto um cálculo quanto um (auto)controle e técnicas corporais são acionadas para que a fruição seja máxima a partir das disposições em cada evento. Ou como me explica Ricardo⁵: “não vou gozar agora, se eu gozar, vou embora”. Ricardo segura o gozo até determinado momento, o máximo que aguenta, goza e vai embora, não quer mais estar ali. Ou como quando fui no terraço de uma das festas certa vez, encontrei um conhecido e perguntei: “está achando ruim hoje?”, “não, até que está bom hoje, é que eu gozei, aí tô aqui um pouco”. Há aqueles que só conseguem conversar comigo depois de gozar: “bom, agora que eu gozei estou mais tranquilo, consigo falar com você”. O gozo pode ser sinal de satisfação para ir embora e, na maioria das vezes é, mas pode ser um intervalo nas atividades, uma pausa para bater um papo, beber alguma coisa, fumar um cigarro, sentar nos sofás, ou até tirar um cochilo.

Claro que parte da atração desses eventos é justamente a brincadeira com os próprios limites de (auto)controle; de um prazer inesperado que os corpos ali reunidos podem trazer. Ao chegar em uma das festas, por exemplo, percebo que um dos interlocutores já conhecido veio me abraçar sorridente dizendo no meu ouvido que não fazia nem uma hora que tinha chegado ali e já tinha gozado três vezes. Contava como se o fato fosse surpreendente para ele mesmo, algo que não esperava, que não tinha planejado nem calculado e me apontava os três homens com quem tinha interagido e chegado ao orgasmo e me dizia: “olha aquele cara ali, onde que eu ia pegar um cara assim, prejudicado e estranho desse jeito? Eu nem queria! Peguei porque estava ali no meio, mas me fez gozar horrores, acredita?!” A surpresa não só de uma quantidade de orgasmos e prazer inesperados, mas mais ainda proporcionados por alguém que não correspondia a seus padrões de desejo. O objetivo parece ser essa “economia (ou seria gestão) do prazer”, esse jogo com o (des)controle de si mesmo e o que proporciona nos encontros às vezes inesperados desses corpos.

⁵ Todos os nomes dos interlocutores são fictícios.

O contexto dessas festas obriga a um relacionamento diferenciado com o próprio corpo⁶. E se queremos nos aproximar de um entendimento do que se passa nesses encontros também teremos que levar isso em consideração. Como afirma Taniele Rui quando aborda em sua pesquisa a questão da corporalidade nos usuários de crack: “há aqui o desafio teórico de evitar dualismos tais como corpo/mente, natural/cultural, e o metodológico de descrever empiricamente este corpo”.

Em outras palavras, sem supor anterioridade ou qualquer tipo de explicação causal entre corpo e mundo social, entre corpo e pessoa; mas percebendo-o a partir das suas conexões mútuas. Em suma, atentando para a permeabilidade das fronteiras corporais e suas conexões com processos sociais e simbólicos, o objetivo central da tese é, portanto, mostrar empiricamente a potencialidade deste definimento corporal (no nosso caso da potencialidade do engajamento sexual desses corpos), ou seja, o quanto ele produz. (Rui, 2012, 9-10).

É por conta disso que, se o evento das festas de orgia é tema de interesse deste trabalho, ele o é na medida em que oferece um terreno privilegiado para a investigação da produção social, tanto material quanto simbólica, dos sujeitos e dos corpos humanos, “bem como das concepções e das experiências de vida e de morte implicadas nessa produção” (op.cit). Nesse sentido, tal como lembra Vargas, é importante considerar que nem sempre os humanos se definem como sujeitos e servem-se de seus corpos de uma maneira extensiva, ou segundo critérios extensivos (Vargas, 2001: 214-215); o que eu pretendo demonstrar nesse

⁶ Como na fala dita no *dark room* (quarto escuro) por um interlocutor após receber um elogio da beleza do seu pênis: “Eu sei. Todo mundo fala que ele é. Eu nunca parei para pensar se o meu pau é bonito ou não, mas como já ouvi tantas vezes passei a acreditar, deve ser verdade. Tem gente que passa horas só admirando. Mas ele não é só bonito também, hehe”.

artigo é que o que a experiência da sexualidade nessas festas coloca em jogo são outros modos de subjetivação e corporalização, modos propriamente intensivos, como venho dizendo, onde o “se jogar” nos instantes de intensidade das interações sexuais possíveis nas festas é “se perder” e fazer fugir os aspectos extensivos como trabalho, família, casa, saúde e todos os valores morais correspondentes a eles.

Atentar para esses eventos intensivos é me aproximar aqui de etnografias que já vêm trazendo um deslocamento de questões para uma busca de um entendimento mais próximo ao que as pessoas dão às práticas que realizam. Pesquisadores como Vargas (2001), Eugenio (2006), Ferreira (2006) e Rocha (2011) apontam como em diferentes contextos como de uso de drogas, shows de música eletrônica, a prática de esportes radicais e idas a boates, existem eventos que envolvem agenciamentos paradoxais de autoabandono, que visam “sair de si”, o êxtase, o descentramento. Tomam a “onda”, a “vibe”, a “loucura” (assim como eu tomo a “putaria” aqui), como envolvendo modos singulares de engajamento no mundo. “Tais descentramentos dizem respeito quer à “razão”, quer ao “corpo” ou, melhor dizendo, a ambos simultaneamente”. Daí que o que parece estar em jogo nessas alterações de percepção é a produção de outras maneiras de *embodiment*⁷ da subjetividade ou de

⁷ Preferi deixar o conceito na língua original por acreditar que a tradução “incorporação” não daria conta de seus significados, tal como proposto por Csordas (1990). Csordas desenvolve o conceito de *embodiment* como uma categoria que problematiza uma série de dualidades conceituais: pré/objetivo; corpo/mente; biológico/cultural; mental/material. Para ele, a antropologia, ao reproduzir esses dualismos, tomando o corpo “como a matéria crua biológica na qual a cultura opera”, tem o efeito de “excluir o corpo de uma participação primordial no domínio da cultura”. No caso aqui, de perceber que o corpo não é apenas um efeito de uma estrutura social, mas também agente, meio e instrumento de uma determinada produção de subjetividade, de uma forma de engajamento no mundo, no caso de que estamos tratando aqui, através da putaria.

subjetivação dos corpos, “Outras maneiras de ser (a)gente” (Vargas, 2006: 22), de criar singularidade⁸.

A putaria

“A Igreja diz: o corpo é uma culpa. A Ciência diz: o corpo é uma máquina. A Publicidade diz: o corpo é um negócio. O corpo diz: Eu sou uma festa” (Eduardo Galeano, “As palavras andantes”)

Acredito que o diagrama das principais linhas de força que compõem a forma como o corpo se apresenta e age nas festas de orgia ficará mais claro quando desenvolver melhor a ideia de “putaria” que aparece nas falas das pessoas. Verdadeira produção conceitual desses espaços, é dela que procurarei me aproximar nos próximos parágrafos.

Com poucas idas a campo, percebi que o termo “putaria” era constantemente acionado em diferentes situações. Percebo também o uso do termo “safadeza”, mas me parece que esse seria um nível abaixo do que a putaria é colocada, se usássemos uma escala de intensidade. Ambos são termos valorativos, adjetivam alguém que “puxa os limites” ou que tem uma performance que chama a atenção ali: “seu safado”, “aquele cara é safado”, “você é muito puto”. Ao mesmo tempo são usados para valorar as práticas efetuadas e o próprio ambiente, sempre como meta a ser buscada. Além disso, as próprias festas de orgia são chamadas por seus frequentadores como putaria⁹.

⁸ Aprofundo a questão da intensidade e do desejo de um certo “eterno retorno” às festas de orgia e à prática do sexo coletivo/grupal em outro trabalho (Barreto, 2014).

⁹ Inclusive o diferencial das festas de orgia diante de outros locais de interação sexual (ou de putaria) na cidade seria justamente o potencial maior de putaria: “por isso que eu prefiro essas festas, todo mundo vem com a intenção da putaria. Diferente de uma ida à sauna que dependendo do dia você não faz nada, galera só fica dormindo ou tocando punheta. Aqui não. Se você não transar nessa suruba é porque não quis”.

A putaria, ou a própria festa, tal como me apresentam seus participantes, é um acontecimento de “jogação”, de “safadeza”, de “brincadeira” que precisa guardar uma relação de equilíbrio com as outras áreas da vida dessas pessoas. Como percebi no desenvolvimento da pesquisa, os homens que frequentam essas festas não trabalham em uma lógica disjuntiva (ou...ou...). A maneira como eles parecem lidar com os diferentes “mundos” e “categorias” em que vivem assemelha-se muito mais a uma lógica da conjunção (e...e...). O que não quer dizer que elas se misturem. A maioria das pessoas com quem conversei, por exemplo, afirma preferir que a ida a esses lugares não seja do conhecimento de amigos e familiares, sem contar o fato do número representativo de pessoas casadas ou em alguma forma de relacionamento que também aparecem nas festas. Precisa-se saber gerenciar a putaria com o restante. Aproxima-se daquilo que Eugenio (2006) chama de “hedonismo competente”, uma competência em saber articular os compromissos da vida cotidiana com as práticas de “perdição”, de “êxtase”. Das falas dos participantes pode-se perceber como a putaria ocupa um lugar singular em suas vidas e no seu cotidiano. Trago dois relatos como exemplo:

Eu sou casado com um cara e venho aqui escondido, porque eu sou muito safado e gosto de safadeza. Não é porque eu não tenho sexo em casa, é porque aqui é putaria, é diferente. Aqui é lugar para brincar, para colocar todos os desejos e fantasias em prática, quanto mais gente melhor, gente de qualidade, é claro. Eu brocho com gente feia, mas confesso que já comi muita gente estranha também. Meu marido sequer desconfia, porque ele é novo no mundo gay e não conhece essas coisas. Já fui casado com mulher antes, todo hetero e tal, me separei para ficar com o meu marido atual. Ele também era hetero e não conhecia esse mundo de sexo e eu evito apresentá-lo, digo que não vale a pena, que só tem putaria, que é muito sujo e é melhor continuar inocente. (...) Eu gosto de relacionamentos sérios, duradouros, mas é isso... também gosto muito de uma safadeza.

Eu posso ser puto, mas sou honesto. Acho que é importante diferenciar, as pessoas confundem. Acham que só porque você gosta de putaria você não serve para namorar, você não é um bom pai, você não é uma pessoa confiável e uma coisa não tem nada a ver com a outra. Eu, por exemplo, quando estou conhecendo alguém gosto sempre de jogar limpo. Eu sou puto porque não quero e não gosto de nenhum tipo de envolvimento para relação. Eu só gosto de sexo casual. Mesmo aqueles com quem eu só transo, se for mais de uma vez vou perdendo o interesse. Preciso renovar o tempo todo, porque eu sou mais puto com quem eu não conheço. Por exemplo, se eu encontrar um cara no ônibus, descer com ele, der para ele em um terreno baldio e o cara gozar na minha boca, eu vou querer engolir. Isso na primeira vez, na segunda o cara vai gozar e eu vou cuspir, na terceira eu já não deixo gozar na boca. Mas isso sou eu. Para mim, ser puto é isso. É assim que vivo a putaria. Para outros pode ser outra coisa.

Porém, é na performance dos participantes durante as interações da festa que podemos nos aproximar melhor da ideia de putaria. Nas características, por exemplo, que são buscadas e admiradas nos atores que se apresentam no show de sexo ao vivo que ocorre no final de uma das festas de orgia acompanhadas. Quando, em uma das festas que eu estava presente, um dos atores foi tentar fazer um “trenzinho”, ou seja, penetrar um ator que estava penetrando um terceiro, a plateia correspondeu com gritos, assobios e aplausos e foi possível ouvir comentários: “esse cara é muito safado, esse gosta de uma putaria!”

A putaria é o elemento organizador das práticas nesses espaços. Pela fala dos “nativos” percebe-se que, ali na orgia, não basta ser safado, tem que ser puto. Por isso um corpo bonito, um “cara de elite”, uma “gracinha”, “para casar” não se torna necessariamente o centro das atenções. O que vai valer ali é muito mais a *disposição* para a putaria. Daí que corpos que em outros ambientes não tivessem atenção ou talvez fossem

considerados como *abjetos* mesmo (como deficientes, velhos, gordos etc), nessas festas podem tornar-se desejáveis.

O puto, dessa forma, só se faz a partir de uma performance. Como quando em uma das festas, um rapaz negro chamava bastante a atenção pelo porte atlético e pelo tamanho do pênis, mas que correspondia às investidas e aos olhares direcionados a ele com uma receptividade “morna”, com um “ar de diva cansada”, como definiu um dos presentes. Não se desvencilhava, mas ao mesmo tempo não agia e não se excitava. Isso acabou cansando as pessoas que deixaram de se aproximar e de colocá-lo como centro das atenções. “De que adianta ser gostoso se não é puto?”¹⁰. Da mesma forma, o excesso de “exigência” para as interações não é bem visto nesses espaços. Ao final de uma das festas, um conhecido se aproximou:

“Você viu aqueles dois bonitões que chegaram juntos? Nossa, coisa chata, muito carão, não faziam nada, não aceitavam ninguém, olhando tudo com desprezo, muito cheio de historinha, de não-me-toque, de nojinho, de frescura... Um até foi embora mais cedo; o outro viu que não ia conseguir fazer nada se continuasse nessa, então começou a baixar o nível de critério. Porra, pessoal vem pra cá muito sem noção. Pra que que vem então?”

E resumia a questão: “quem fica de nojinho em putaria, não faz nada”.

Interessante perceber que mesmo nas festas que selecionam seus participantes e que apresentam uma proposta diferente - a de uma festa de orgia onde só podem entrar/participar pessoas que correspondam a um perfil pré-determinado, que seria: “homens magros, sarados, boa pinta,

¹⁰ Pinho (2015) em artigo sobre o desejo em certo ideário de masculinidade do homem negro, também apresenta algumas ideias sobre o discurso da “putaria”.

em boa forma física e dotados”¹¹- percebi a importância do princípio da putaria atuar da mesma maneira. Ou seja, ainda que se possa observar uma tentativa de estratificação do desejo pela forma de exclusão através da hierarquia dos corpos, ou mesmo de outros marcadores sociais de diferença, a putaria entraria como elemento diferenciador e ao mesmo tempo desestabilizador dessas hierarquias. Voltarei a isso mais adiante.

O puto produzido pelo princípio da putaria das festas, portanto, é aquele que se destaca durante as interações sexuais pela manipulação dos elementos eróticos e da produção desejante desses eventos. É aquele que aciona, captura e intensifica o desejo do(s) outro(s) a partir dos incessantes encontros estabelecidos nas horas das festas. Tentativa árdua a de tentar circunscrever um “conceito” como o da putaria, já que ele, assim como o puto, se quer o tempo todo escapar para ter mais encontros, formar mais ligações, conexões, deriva constante em busca dos corpos, *frisson* pelos corredores e darks em busca de mais prazer. Máquina que se acopla a outras, que não quer ser apreendido, capturado, retido, reprimido. Quer fugir. Daí a orgia ser o território onde a putaria pode alcançar maior potencialidade, não só pela maior possibilidade de conexões como também de disposições territorializadas ali. Ao invés de circunscrever, melhor acompanhar os diversos caminhos desses desejos da putaria. Trago dois elementos para pensar melhor sobre esse conceito: primeiro a sua contraposição ao que eles chamam aqui de “romance” e depois o elemento variável da “disposição”.

¹¹ O mesmo princípio, por exemplo, encontrado em muitos perfis no *Grindr*, *Hornet* ou *Scruff* (aplicativos de celular de encontros masculinos que exibe uma grade de imagens dos homens dispostos a partir do mais próximo ao mais distante). Os perfis normalmente trazem fotos de partes do corpo que o usuário acha mais atraente, dificilmente fotos de rostos são colocadas. Uma frase que pode ser lida em muitos perfis é: “Tenha bom senso. Não me cuido para pegar bagulho”, ou então: “Não sou e nem curto afeminados. Se for bichinha, nem chama”. Conferir pesquisa de Miskolci (2017).

Putaria X romance

Quando um rapaz coloca a mão por dentro da minha sunga, eu a retiro e digo: “calma aí, assim logo não!” e ele me responde: “quer que eu pague uma bebida antes pra você?” de forma irônica. Afinal, como ouvi diversas vezes nesses espaços: “Você não pode vir pra putaria querendo romance”; “Aqui é putaria, quer intimidade vai pra um motel”.

Muito do que podemos definir como putaria vem de sua contraposição ao que eles chamam nas festas de “romance”. Eu e Felipe estávamos dentro de uma das suítes da casa assistindo a interação de um casal que durava havia um tempo. A cena iniciou assistida por uma quantidade grande de pessoas presentes no quarto, mas que foi diminuindo gradativamente. Felipe suspira um pouco entediado e comenta baixo em meu ouvido antes de se retirar do quarto também: “Mas, gente, agora eles estão fazendo amorzinho. Estavam fazendo sexo até há pouco, mas agora estão fazendo amor. Bonitinho, mas *boring*”. O que teria mudado no ato para que ele se deslocasse de “fazer sexo” para “fazer amorzinho”? A interação que tinha começado numa determinada intensidade e de forma coletiva aos poucos foi se centralizando e se isolando em apenas um casal e algo no ato ou no jeito de fazer, mais prolongado, mais carinhoso, mais beijos, uma intensidade diferente, ou melhor ainda, um movimento diferente, não necessariamente da penetração, mas que acionava um tipo de conexão que deixou de ser putaria para se tornar romance.

As interações “românticas” não são as mais desejadas aqui, elas podem acontecer obviamente, a depender dos encontros aleatórios entre as pessoas, mas elas não acionam nem estimulam o movimento de multidão. Elas não agregam, não “puxam” a participação coletiva. Acabam por separar, segregar ou individualizar as interações e, na maioria das vezes, as pessoas não perdem tempo observando ou sendo rejeitadas nas tentativas de aproximação. Olham de cara feia, se afastam ou mesmo “zoam” algumas delas. Mesmo no show, quando um dos atores puxou uma pessoa da plateia para a interação no palco e os dois entraram numa “onda” própria, mais carinhosa, demorada e não aberta a participação de outros, foi logo

chamada a atenção pelo organizador no microfone: “para de namorar, caralho! Aqui é pra fuder!”, causando a imediata separação do casal.

Da mesma forma, estar numa putaria exige uma determinada ética de relacionamento que definitivamente se afasta dos modelos de “amor romântico” normativos exclusivistas. Nesses espaços é mais do que comum você ver alguém com quem acabou de transar, fazer o mesmo com outra pessoa, na sua frente ou mesmo junto com você. Também não é porque você costuma ficar com determinada pessoa quando a encontra nesses eventos que isso necessariamente se repetirá sempre, ou que as pessoas devam justificativas e fidelidades umas às outras. “Aqui não se pode ser ciumento, ninguém é de ninguém, só se pode ter preferidos”. A ética nesses espaços passa longe da exclusividade e sua lógica separatista, de propriedade e de repetição do mesmo. Senão corre-se o risco de entrar no terreno do “romance”, podendo gerar alguns conflitos, afastando os interessados e outras possibilidades de encontros. O romance só se permite enquanto espetáculo. Casais que gostam de fazer um sexo performático, como um show para os outros, “pode ver, mas não pode tocar”. E mesmo essas são situações que rapidamente dão preguiça aos que só podem observar.

Que mundos são esses, o da putaria e o do romance? Aqui eles se contrapõem, no discurso principalmente, mas podem se atravessar e se condensar: não é porque você está “fazendo sexo” ou “fodendo” que a interação não possa ser afetuosa no sentido de não ter carinhos ou beijos¹². Da mesma

¹² É importante não fazer, da mesma forma, uma associação rápida entre putaria como uma característica que funcionaria nesse campo como exclusivamente masculina e o romance como algo feminino. Ainda que numa visão superficial essa relação possa fazer sentido, uma análise e convivência maior nessas festas apontaria para uma maior complexidade. O que quero dizer é que se, de fato, muito do discurso do que é o romance passa por associações ao universo tido como feminino; não é a abertura para afecções “mais românticas” que necessariamente feminizaria os indivíduos e que portanto precisaria ser evitada. A masculinidade exagerada que é desejada nesses espaços passa muito mais por outros aspectos (como os da performatividade, da coragem e da disposição, por exemplo) do que pela demonstração de uma interação mais “afetuosa” ou mesmo “romântica”.

forma, durante as festas, casais se fazem e se desfazem a todo momento, a duração do encontro ou da “relação” dependendo da vontade de cada um e da intensidade do encontro¹³. A meu ver, a diferença fundamental entre putaria e romance é dada em termos de movimento e de velocidade.

A putaria é um movimento de circulação permanente, rápido, de deriva constante. Os homens que participam dessas festas estão o tempo todo se locomovendo pelos espaços da casa, subindo e descendo escadas, sempre na espera e na busca do encontro. Não param e não podem parar se querem, de fato, fruir da intensidade da putaria; não ficam o tempo todo no mesmo lugar esperando que alguém se aproxime; ficam em movimento procurando se encaixar em alguma interação. O que há são as pausas para os breves encontros, aproximação de corpos (sejam os desconhecidos ou os “preferidos”), às vezes fragmentados, que interagem até o esgotamento daquela intensidade e que, logo a seguir, retomam trajetórias independentes. O romance, ao contrário, fixa ou freia o movimento, força a sua lentidão, essa é a diferença; faz com que esses corpos se retirem da deriva constante e se estabeleçam em um ponto fixo da casa. No romance, se é capturado ou se deixa capturar naquele encontro e, ao mesmo tempo, se impede a aproximação de outros corpos na composição.

Mas ser puto não é só estar à deriva pelos espaços da festa se mostrando disponível para as interações, é também preciso ter e mostrar disposição.

Disposição

A meu ver, a putaria, além de pautar e qualificar as práticas, os participantes e o ambiente, é uma potência oriunda das vontades e

¹³ Também não é incomum que os participantes troquem números de telefone ou alguma forma de contato quando o interesse na interação vai além do prazer momentâneo ou onde o encontro é tão intenso que valeria a pena uma continuidade; que saiam juntos da festa para um outro espaço mais reservado ou que mesmo usem o grupo do whatsapp das festas para marcarem encontros mais íntimos.

impulsos dos participantes das festas, como uma *disposição*. O elemento da disposição era sempre acionado nas falas durante a festa como o elemento variável e individual, ou seja, da competência de cada um e que faz variar a intensidade da potência da putaria.

Gambôa, em sua pesquisa sobre interações eróticas entre homens num cinema pornográfico do Centro de São Paulo, também comenta sobre a categoria “disposição” acionada por seus interlocutores:

A disposição diz respeito a um elemento imaterial, sutil e importante para a caça nos cinemas. Este elemento relaciona-se ao interesse por parceiros sexuais ou a estar disponível para o sexo, funcionando como uma espécie de radar que, quando acionado, emite sinais, mostra o que se quer e atrai as pessoas, podendo estar ligado à ideia de desejo sexual como instinto irrefreável. Uma melhor disposição pode ser conquistada com o auxílio de álcool ou outras substâncias psicoativas que colaborem para que os parceiros envolvidos estejam mais abertos no momento da relação sexual. Mas essa não é a única estratégia (Gambôa, 2013, 161).

Concordo com a definição dada pelo autor, porém acredito que ele acaba por se centralizar em uma aplicação da categoria apenas em termos quantitativos, disposição ali é uma escala variável do tamanho da “vontade de fazer sexo” ou da quantidade de desejo para as interações. Penso que a disposição também se aproxima de uma variação qualitativa e mais dinâmica. Ter disposição não é só sentir muita vontade de fazer sexo, mas também saber bem como fazê-lo nesse contexto que, como vimos, não é o “mesmo sexo que se faz em casa”. Guardadas as especificidades de cada contexto, estou usando disposição aqui no sentido que os presos estudados por Biondi dão a esse termo, que acredito se aproximar mais do que percebi em campo:

Disposição e apetite são termos utilizados pelos prisioneiros para indicar a intensidade e o alcance de suas vontades, em seus mais variados formatos, expressões ou manifestações. Desta forma, permitem a criação de contornos, torções, soluções improvisadas que contam muitas vezes com o acaso para sua execução. Ademais, ao adquirir velocidade, são capazes de oferecer resistência ao poder que incide sobre os corpos, aquele que modula e limita. (Biondi, 2010,181).

Sendo uma disposição, a putaria não é algo que seja da essência do indivíduo. Ela não está presa a uma identidade e muito menos perfaz um caráter. O gosto e a disposição para o sexo, para a orgia e seus excessos, em sua maioria, fogem de uma explicação essencialista, como nessa entrevista com Rodrigo:

Gosto de sexo como um esporte: tem aqueles que gostam de jogar futebol, vôlei, nadar, eu gosto de fazer sexo. Para mim sexo é como tomar esse café aqui que a gente está tomando, sem maiores implicações. Eu gosto muito, vou para as festas para meter o máximo de vezes que eu conseguir. Dissocio totalmente sexo de caráter: a pessoa ser uma “predadora” sexual não quer dizer que seja uma predadora afetiva, promíscua, pior ou melhor do que ninguém, o problema é a carga moral que a nossa sociedade coloca nisso. Da mesma forma, não é porque participa de orgias ou que faça programas, por exemplo, que a pessoa seja algum viciado em sexo; é muito negativo o termo, ela só gosta de fazer bastante, ponto final. (...) Mas também não me engano, não encaro a orgia como um momento de libertação. Claro que vejo as hierarquias e normalizações. Tem uma persistência da homofobia ali: não há como negar e isso faz parte da gente, de alguma forma. Mas eu não vejo a orgia como um subproduto da homofobia, mas sim uma forma específica de fazer sexo, que tem rituais e uma graça própria. Até pelo fato de eu não contar

para meu marido que eu participo disso. Parece contraditório, mas deixa eu tentar te explicar: faço escondido não porque ache errado, nem porque preciso me satisfazer de um sexo que eu não tenho. Transo com meu marido sempre, aliás. São coisas diferentes. Escondo porque não quero magoar ele, ele não entenderia, acho que de uma maneira geral falta generosidade nas relações amorosas. Tomo meus cuidados, claro, não faço sem camisinha ali, mas confesso que chupo sem se o cara me atrair¹⁴.

Rodrigo está falando de uma “busca pela excitação” específica que nada tem a ver com necessidade, vício, doença ou anormalidade e que mesmo não exclui a possibilidade da manutenção de uma relação amorosa concomitante. Trata-se de uma apetite ou disposição que encontra na ida para as festas de orgia um território singular e ideal para a intensificação, a prática e possibilidades de acontecimento. A ida às festas se aproxima dessa “busca pela excitação” aliada a um “cálculo racional de prazer”, como apontado por Elias e Dunning (1992) sobre o surgimento da categoria moderna de esporte, onde impulsos e vontades por sensações de alta intensidade encontram alguma forma de realização ao se territorializarem em uma prática minimamente regrada e sob controle. E, da mesma forma, tida como definidora de um certo modelo de masculinidade.

O ordenamento, o autocontrole e a racionalidade de uma putaria, ou o “descontrole controlado” (Featherstone, 1995) desses eventos, é sempre acionado para se afastar de uma ideia de “doença” ou “vício”. Segundo Ferreira (2012, 101), a confusão entre limites para traçar o que são considerados usos próprios e impróprios, seja de algum comportamento como o sexual ou de alguma substância, é o que organiza os sentidos na atribuição de noções como “saudável” ou “doentio” e tudo o

¹⁴ A tensão entre a ida a essas festas e as questões relativas ao anonimato, ao segredo e ao sigilo se circunscrevem ao que eu chamo de “princípio da discrição”, o qual me falta espaço para explorar com mais detalhes aqui. Para mais detalhes ver Barreto, 2017.

que isso implica. A categoria de “vício” aqui aparece muito mais como acusação do que explicação de si mesmo:

“Eu não sou uma pessoa viciosa. Nunca usei droga, nem sei beber direito, imagina! Mas eu vou te falar que aqui tem algumas sim, com certeza. Tem gente que vem aqui toda festa, não deixa passar uma! Fulano é um. Toda festa que vou ele tá lá. Se não tem festa aqui ele vai em outra, se tivesse festa todo dia ele estaria lá, sabe? Isso é coisa de doença, um vício já. Isso daqui é pra fazer de vez em quando...”

A doença ou o vício é quando há a percepção de uma falta de temperança, de equilíbrio; quando há um julgamento moral por um certo excesso das práticas.

É claro que alguns dos participantes acionam categorias que podemos entender como essencialistas para “justificarem” seus desejos e suas idas a esses lugares, muito mais pelo fato de alguém de fora (no caso, eu) estar colocando essa questão antes não acionada nesses espaços. Mas o uso de teorias ou explicações como os instintos, os humores e a química não funcionam como normalizações ou como julgamentos e interferências externas, mas denotam um entendimento “físico” e “químico” da sexualidade, da elaboração de um discurso explicativo que dê conta das práticas e dos desejos realizados ali. E de maneira geral, as explicações não são em termos negativos, pelo contrário, o apetite, a disposição, ser putado, é o objetivo e a maior forma de distinção que se pode encontrar nas festas de orgia.

Vários interlocutores fazem questão de me dizer à princípio que não se identificam muito com as práticas que são realizadas nessas festas, que “não são putado”, que se comportam até diferente das outras pessoas ali. Mas que, ao presenciar a interação nos espaços das festas, são meio que tomados, atravessados por um fluxo, por um “devir-putaria”, ou um “devir-putado”. E de alguém que inicialmente não estava interessado na putaria ao seu redor, podem até se tornarem o centro das atenções, atuando como o

puto da cena¹⁵. Um exemplo é Mário. Mário tem 49 anos, bancário e morador do Méier. É branco, estatura mediana e com os cabelos já grisalhos. Não possui um corpo definido, mas é magro e com uma certa “barrigui-nha”. Mário vai sempre à festa acompanhado de um amigo do trabalho. Se encontraram por acaso em uma dessas festas e desde então passaram a ir juntos. Apesar de terem quase a mesma idade, o amigo tem uma apresentação corporal diferente, um corpo mais trabalhado e musculoso. Os dois tinham comportamentos diferentes no evento. Enquanto o amigo demonstrava uma disposição muito maior para as interações, Mário ficava pelos cantos e tentava algumas aproximações muito esporádicas.

Eu sei que não sou bonito nem tenho corpão. Normalmente as pessoas aqui só vão comigo quando percebem o tamanho do meu pau. Mas eu não fico me valendo disso, não fico pelado me exibindo. Também não curto muito essa putaria exagerada. Sou mais aquele cara de conhecer aos poucos, de fazer carinho, uma coisa mais tranquila. Sou bem diferente do meu amigo. Ele chama mais a atenção e pega muito mais gente que eu. Mesmo tendo um pau bem menor do que o meu! (risos) A gente vem pra cá e ele se perde por aí metendo em quem ele conseguir,

¹⁵ Olivar em sua etnografia sobre a prostituição feminina também fala de um “devir puta” que estaria presente na dinâmica observada entre suas interlocutoras, de um momento em que é necessário “corporificar a puta”, “virar puta mesmo”:

É esse o ponto exato em que a complexidade do programa adquire sua maior eficácia, em que se efetua totalmente a relação, já que é “baixando a puta” para satisfazer a perspectiva do cliente que elas conseguem impor sua perspectiva e, por conseguinte, para nossas prostitutas/esposas, a perspectiva da família. Assim mesmo, é nesse investimento no erotismo do cliente, na gerência sofisticada desses anseios, que o “divíduo” puta - a puta como potência topográfica e corporal (o devir puta) - tem seu espaço limitado de existência... (Olivar, 2013, 134)

quando vejo já comeu uns 7, 8 carinhas... Eu sou diferente. Venho pra cá, mas não faço e aconteço. Tem vezes que não meto em ninguém, só fico olhando ou na brincadeira. Hoje, por exemplo, tá quase na hora de ir embora e eu só comi um.

Em outra festa, tive a oportunidade de assistir Mário em uma interação que pouco se aproximava do relato que ele tinha me dado anteriormente. Em uma das suítes ele se revezava na penetração de um rapaz magro e de aparência bem jovem que estava de joelhos na beirada da cama no quarto. O rapaz era penetrado alternadamente por Mário e por mais um outro. A interação entre os três chamava bastante a atenção e acumulava pessoas ao redor, principalmente pela performance de Mário, que gemia e falava em voz alta para todos ouvirem: “não era pau que você queria? Então toma! Agora aguenta, seu filho da puta!”. Era um pouco agressivo na penetração ignorando os pedidos do rapaz para ir mais devagar. Mesmo com as feições de dor toda vez que era a vez de Mário o penetrar, o rapaz se manteve ali até o orgasmo do outro que participava e que acabou por finalizar a interação dos três. Mário saiu do quarto arfante e não se preocupou em vestir a cueca por um bom tempo, expondo um certo orgulho ao caminhar pela casa com seu pênis grande ainda ereto e coberto com a camisinha.

O corpo e como ele age/reage à putaria é, portanto, fundamental para a definição do status dos agentes nesse contexto de sexo grupal/coletivo e, conseqüentemente, como veículo privilegiado para as estratégias de distinção, sendo, simultaneamente, por elas condicionado.

E não existe desigualdade?

O fato de perceber a orgia como um espaço privilegiado de singularidade e de usos outros do corpo, não quer dizer que não perceba o quanto ela é atravessada pelos chamados marcadores sociais de diferença (como classe, idade, status, cor da pele etc.) seja na configuração de desigualdades, seja na própria composição de prazeres. Pelo contrário, é possível perceber uma tensão constante nesse sentido.

Já existe uma discussão nas ciências sociais, principalmente no âmbito da sexualidade, de como alguns “agenciamentos” de desejo possuem o poder como uma dimensão estratificada. Para ficar em apenas dois exemplos e contextos distintos, tanto a etnografia de Perlongher sobre a prostituição masculina (1987), quanto a análise de McClintock sobre a dominação de gênero e de classe no imperialismo inglês (2010), mostram experiências nas quais prazer, dor, poder e submissão, não só estão misturados como também são fatores que “criam” esses desejos:

Seguindo tal perspectiva, é interessante analisar [essas experiências], como alternativas que, no limite, problematizam os modelos que supõem naturalidade, inatismo ou normalidade entre as fronteiras que delimitam homens e mulheres e, mais particularmente o comportamento sexual masculino (ativo) e o feminino (passivo); assim como as fronteiras que separam o prazer da dor, o comando e a submissão. Tratam-se de experiências que ousam lidar com o risco social, ou melhor, com aqueles conteúdos e inscrições, presentes nas relações entre a sexualidade e, as suas assimetrias em termos de gênero, de idade, de classe e de raça (Gregori, 2010: 195)

Da mesma forma, não nego a existência nesses ambientes de uma hierarquia dos corpos e daqueles que são tidos como mais desejáveis em detrimento de outros. E de como esses padrões de atratividade estão relacionados diretamente a questões de raça, classe e gênero. Aliás, é possível observar nesses eventos uma tensão constante entre esses marcadores de diferenças e desigualdades e o princípio “disruptor” que a putaria proporciona. Trarei dois resumos de acontecimentos presenciados por mim em campo e que acredito poderem servir de exemplo a essas tensões.

O primeiro é relativo a como conheci um dos interlocutores dessa pesquisa que chamarei aqui de Marcos. A primeira vez que Marcos foi numa das festas foi presenciada por mim. Ele passou toda a primeira hora da festa do meu lado conversando e se dizendo muito “injurado” com a

situação, porque as pessoas que estavam ali não despertavam interesse nele. Ficou reclamando bastante e pelo fato de eu estar ali “fazendo pesquisa” se sentia à vontade para “falar mal dos outros” só comigo. Marcos tem 35 anos, é branco, trabalha com Desenho Industrial, recém-divorciado, morador da Zona Sul do Rio de Janeiro e foi ali porque imaginava que seria uma oportunidade de colocar o fetiche de “fazer uma orgia” em prática aqui no Brasil, já que só tinha participado de algumas no tempo em que morou na Europa, em Londres. Só que o que ele chamava de “perfil baixa renda” das pessoas ali presentes o “desanimou”. Apesar das reclamações e comentários irônicos sobre os outros participantes, Marcos não foi embora. Não demorou muito, diminuiu as reclamações e piadas e já se deixava ser tocado e não se afastava nem repelia as tentativas de aproximação dos outros. Pelo restante da festa, a cada vez que o reencontrava, o via em alguma interação sexual, com duas ou mais pessoas. Em uma específica (que concentrava uma grande quantidade de gente), ele percebeu a minha presença e me chamou com um sorriso. Estava nu, agachado em uma cama das suítes, segurando a sunga na mão, enquanto três rapazes se revezavam para penetrá-lo (dois deles inclusive já tinham sido alvos das piadas de Marcos). Essa ação era o centro das atenções naquele momento na suíte, atraindo muitas pessoas que também buscavam participar. Quando me aproximei, Marcos fez questão de me dar um abraço, mesmo não saindo da posição para ser penetrado. Estava bastante suado, com muitas marcas de mordida e arranhões pela pele. “Tô aproveitando”, me falou. Conversando antes do final da festa me disse que ainda achava a “putaria” na Europa muito melhor (não sendo exato se melhor nas práticas ou no público), porém disse ter “curtido bastante a tarde”. Marcos continuou a ir a várias edições da festa, como pude acompanhar, apesar de eventualmente ainda criticar alguns participantes.

Esse “relaxamento” das hierarquias de desejo acontecem, inclusive, com uma frequência grande nesses espaços. Felipe foi outro que sempre que o encontrava reclamava bastante da festa (apesar de nunca ter faltado a nenhuma): encostado na parede comigo zoava homens mais gordos que passavam (geralmente mais velhos), ou então os magros demais (ge-

ralmente mais novos, “as crianças”), e nesses extremos de rejeição ainda incluía nas brincadeiras os que ele achava “afeminados demais” (pelo uso de franjas, cabelos coloridos, “andar rebolante”, grupos de “amigos bichinhas que ficam falando alto, desmunhecando e miando”); os “retirantes” (homens com uma aparência associada ao Nordeste: “atarracados, cabeça chata e orelhas para fora”) e as “cacuras” (homens mais velhos com performance afeminada). “Eu falo isso, mas daqui a pouco meu critério cai. Se não aparecer ninguém, com o tempo pego qualquer coisa, no escuro mesmo! E no escuro você acaba descobrindo cada talento! Você sabe, né?”. E, de fato, já o vi em interações com essas mesmas pessoas que ele criticava tanto. “A gente reclama, mas vem mesmo assim, né?”. “E vem por quê? Não tem outra opção?”, perguntei. “Tô cheio de coisa pra fazer, trabalho, estudo, coisas lá em casa, mas não sei te dizer por que exatamente, mas venho. Acho que eu sou muito puto, gosto muito de putaria. Engraçado que eu não sou assim quando tô namorando...”

Um segundo exemplo foi uma discussão presenciada por mim na recepção de uma das festas. Quando eu cheguei já havia um tumulto na entrada, porque dois homens que chegaram juntos que pareciam um casal pediram para conhecer o evento antes de pagar e, após o passeio pela casa, desistiram da entrada alegando que só tinha gente feia. Um dos organizadores discursava irritado aos presentes, após a saída dos dois:

Quero deixar uma coisa bem clara aqui: suruba, orgia, não é lugar para encontrar príncipe encantado, nem ver corpo. Quem gosta de corpo é IML. Suruba é para ver pirocas e bundas, foder, chupar, dar e comer, sacou? Tem que vir disposto à putaria. Quem quiser ver cara que vá para boate gay, tem várias por aí. (vendo o sinal de consentimento dos presentes continuou) Gente, quem vai para suruba para ver cara? Por isso que adoro homens feios. Eles quando pegam...nossa! Fodem gostoso! 'As bonitas' só fodem com espelho, se pudessem se comiam! (com as risadas dos presentes concluiu) Porque em uma orgia não tem que rolar isso. Tem sim, que ver picas

e rabos gostosos. A festa é pra foder e rolar uma amizade sem cobranças sentimentais e sexuais. Entendem, né?

O mesmo tipo de bronca foi dada num dos grupos de whatsapp quando um dos participantes, recém-adicionado, pediu que as pessoas postassem foto de rosto antes de falarem com ele. As pessoas reagiram mal ao pedido dele: “está no lugar errado, meu caro, vai procurar uma agência de modelos se você está querendo carinha bonita, aqui é pra foder”. O que fez o pedido ainda tentou se defender: “Bom, ok, não esperava tanta polêmica por uma simples imagem! Realmente foder é bom, e no meio da putaria eu não olho mesmo pra cara! Mas enfim... se tiver modelos também é ótimo”. Continuou a ser hostilizado por vários do grupo e tentou desdizer o pedido: “Gente, a ideia não era de saber quem era mais ou menos bonito, sinto muito. Mas quando eu estou teclando ou falando com alguém geralmente é legal saber com quem estou falando, somente isso. Agora, na putaria, para foder, é claro, tô no mesmo barco que vocês, no escuro rola tudo!” Recebeu como resposta a foto de um ânus em close e aberto com a mensagem: “Dando continuidade ao bafafá, eu me chamo Sexo, sou feinho e fodo horrores, porque eu sou apaixonado por pica e as picas adoram estar dentro de mim, muito prazer. Se a piroca coça chama o Sexo que sou eu. Estou sempre xucado¹⁶ a sua espera! Ainda precisa de uma foto de rosto? Meu cu pra você!”

Se Marcos e Felipe, aos poucos, veem os seus valores sobre as diferenças borrados pela efervescência das interações, a fala do organizador e as pessoas do grupo do whatsapp vem a esse encontro ao definir como devem ser as práticas em uma orgia diante da recusa de participação dos dois rapazes (que, em sua visão, não tinham “disposição para a putaria”) e da exigência de fotos do recém-chegado, por essas mesmas diferenças. A tensão que eu aponto acima entre marcadores de diferença e desigualdade, hierarquização de corpos e o princípio

¹⁶ “Xuca” ou “chuca” é como se chama a lavagem intestinal para que se evite o aparecimento de fezes durante o ato do sexo anal.

da putaria é, portanto, presente nessas festas, alcançando uma proximidade daquilo que Perlongher (1987) chama de “tensor libidinal”¹⁷. Podendo se apresentar, portanto, tanto como fonte de prazer, quanto também como geradora de conflitos. É preciso entender que quando eu digo que as diferenças são borradas na putaria das festas de orgia, não estou dando a esses eventos uma essência inclusiva ou igualitária que elas não possuem, mas sim de uma

inclusão que não significa esfacelamento das peculiaridades ou Cavalo de Troia do mito político da igualdade, mas ondas de diferenças e singularidades, abertas ou não ao contágio, à contaminação e aos afetos errantes, segundo uma desordem inventiva em que, mais uma vez, a diferença não é sinônimo de indiferença, no sentido moral, ou de piedade. A diferença não é o monstruoso, o disparate, o catastrófico, algo que deve ser contido e domado (Lins, 2013, 139).

Esses fatores de “desigualdade” surgem e são muito mais marcados como conflitos, me parece, principalmente no que diz respeito a um dos outros princípios importante nessas festas de orgia que é o da masculinidade, ao que eles entendem do que é ser homem, como detalho em

¹⁷ Como explica Gregori:

“Os tensores libidinais, expressão que empregou [Perlongher], são resultantes da noção de que o desejo é feito daquilo que desafia, que arrisca e que assinala a diferença. O que essa sugestão implica é que os marcadores sociais de diferença – e entre eles o gênero, a idade, classe e status, cor/raça – que operam como eixos na configuração das posições desiguais, em relações de abuso, também atuam na configuração daquilo que proporciona prazer. As hierarquias, as normas e proibições formam o repertório para o erotismo, a partir de todo um esforço de transgressão”. (Gregori, 2010: 5)

Barreto, 2017. Mas, mesmo assim, durante todo o trabalho de campo poucas vezes ouvi alguém sair reclamando de que não tenha tido, pelo menos, uma interação durante a festa, mesmo aqueles que, de alguma forma, não correspondessem totalmente fosse aos princípios ou ao perfil estético e performático do macho desejado. Poderia citar alguns exemplos peculiares como o de um usuário de cadeira de rodas, negro, que tinha ambas as pernas amputadas e que sempre ia à festa na sauna e que, mesmo tendo que ficar apenas no primeiro andar devido às escadas da casa, estava sempre envolvido em alguma interação em casal ou grupal, em que era chupado ou onde conseguia o feito de tanto penetrar quanto fazer sexo oral ao mesmo tempo no parceiro sentado em seu colo, usando para isso o formato de sua cadeira, que era agenciada à performance potencializando a interação¹⁸. Ou de como um dos participantes recorrentes aqui, um senhor octogenário que tinha um tremor nos braços e que tinha o hábito de, no dark, ficar passando a mão nos outros participantes. Quando ele foi visto certa vez sendo chupado por um rapaz de aparência bem mais jovem que ele, ouvi comentarem: “gente, que bonitinho! Cadê a máquina pra tirar foto?”. Sempre que o encontrava na saída ele me dizia: “menino, vou pra casa rezar um terço, pra purificar de hoje!”¹⁹ Ou ainda quando percebi a presença de um homem bem obeso no dark e confesso que a minha primeira reação foi pensar, “coitado, não vai conseguir fazer nada”, e em menos de um minuto, quando voltei meu olhar, ele estava de quatro na cama coletiva numa interação com outros dois rapazes e

¹⁸ As pessoas olhavam sempre e perguntavam com uma curiosidade interessada: “nossa, como é que ele consegue?”, “será que é bom mesmo?” Ainda que alguns assumissem: “Eu acho que não conseguiria. Deve ser preconceito mesmo, não sou uma pessoa evoluída a esse ponto”.

¹⁹ Claro que nem sempre as aproximações desse senhor foram bem vindas: ele foi quase agredido em outra festa ao tentar uma interação e o outro foi um pouco grosso o empurrando e gritando: “Caralho, lá vem você com essa mão de novo! Vai para um asilo, porra!”. A frase não foi acompanhada de risadas como as explosões aqui costumam ser, mas sim de um silêncio constrangedor pela falta de tato do rapaz e uma certa pena do senhor.

um conhecido comentou em meu ouvido: “rapaz, aqui até o ‘Buda’ se dá bem!”. Interações, encontros e acontecimentos que, talvez em outros espaços, ou que fora dali no cotidiano de suas vidas, não fosse possível de acontecer (ou que pelo menos não acontecem com uma frequência significativa, para evitarmos generalizações), mas que encontram ali, no intensivo orgiástico, um território propício para a prática dessas produções desejantes e mesmo a composição de novos desejos a partir das experimentações que se oferecem.

O que quero dizer, por ora, é que essas festas possuem um ritmo, um tempo que alterna momentos de maior ou menor intensidade. Há tempos e espaços de efervescência, de descanso, de torpor e de reativação dos prazeres. Estou chamando a atenção nesse trabalho tanto para a busca quanto para os próprios momentos de “picos de intensidade”. São esses momentos de efervescência que estou dizendo que têm não só a potência de criar “fissuras” (Diaz-Benitez, 2015), como em alguns conflitos que eventualmente aparecem, mas também de borrar esses marcadores, colocando todos num plano onde o que importa, o que diferencia, o que singulariza esses atores é sua “disposição” na putaria, sua desenvoltura durante os encontros, seja aumentando ou diminuindo a potência das “ligações”, seja catalisando e/ou capturando o desejo do outro, enfim, sua capacidade de dar ou receber prazer. A putaria ou o “puto” (assim como os outros princípios) são modos de intensidade. Nem todos numa putaria são putos. E, da mesma forma, não é toda interação que irá contar com a presença de um. A equação não é tão simples como: “descubra quem é o puto daquela cena”. O puto é a forma de distinção local para aquele que sabe/consegue manipular os fatores que aumentam ou diminuem a intensidade das interações, independente desses marcadores de diferença, ou apesar deles²⁰.

²⁰ A disposição e o talento de alguém como puto é motivo tanto de reconhecimento como de propagação: “pô, você só tá observando, vou te falar que aquele baixinho ali, menino, olhando assim ninguém dá nada por ele né... mas eu vou te falar que ele foi a minha melhor foda nesse lugar. O negócio é bom, menino! Eu garanto! Tá se segurando por quê? Vai morrer e a terra vai comer isso tudo aí, vai dar essa bunda!”

Referências

- BARRETO, Victor Hugo de Souza. *Festas de orgia para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina*. Salvador: Editora Devires, 2017.
- _____. *A “putaria” nas orgias: diferença e singularidade no corpo orgiástico*. Trabalho apresentado no 38 Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, MG, 2014 (no prelo para publicação em coletânea).
- BIONDI, Karina. 2010. *Junto e misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo: Fapesp.
- CSORDAS, Thomas J.. “Embodiment as a Paradigm for Anthropology” in: *Ethos*, Vol. 18, Nº. 1. (Mar., 1990), pp. 5-47.
- DA MATTA, Roberto. “Para uma teoria da sacanagem: uma reflexão sobre a obra de Carlos Zéfiro”. In: MARINHO, Joaquim (Org.). *A arte sacana de Carlos Zéfiro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 29-30.
- DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. O espetáculo da humilhação, fissuras e limites da sexualidade. *Mana* (UFRJ. Impresso), v. 21, p. 65-90, 2015.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Difel, Lisboa. 1992.
- EUGÊNIO, Fernanda. *Hedonismo Competente: Antropologia de urbanos afetos*. Tese de Doutorado. Museu Nacional, UFRJ, 2006.
- FEATHERSTONE, Mike. 1995. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel.
- FERREIRA, Pedro Peixoto. 2006. *Música eletrônica e xamanismo: técnicas contemporâneas do êxtase*. Tese de Doutorado. IFCH-UNICAMP.
- FERREIRA, Carolina Branco de Castro. *Desejos Regulados: grupos de ajuda mútua, éticas afetivo-sexuais e produção de saberes*. Tese de doutorado, Unicamp/IFCH, 2012.
- GAMBÔA, Ricardo Fernandes. *De prazeres e perigos: abordagem etnográfica dos roteiros eróticos de homens que fazem sexo com homens e desafios à prevenção do HIV na região central da cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, 2013.
- GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade*. Tese de livre docência, Departamento de Antropologia, IFCH, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

LINS, Daniel. *O último copo: álcool, filosofia, literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: CosacNaify, 2003.

MCCLINTOCK, Anne. 2010. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*, Campinas: Editora da UNICAMP.

MISKOLCI, Richard. *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017.

OLIVAR, José Miguel Nieto. *Devir puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro, Ed Uerj, 2013.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1987.

PINHO, Osmundo. “Putaria”: masculinidade, negritude e desejo no pagode baiano. Universidad Nacional de Colombia: Revista Maguaré vol. 29, n.º 2 (jul-dic), 2015, pp. 209-238.

ROCHA, Verônica Maria Monteiro da. “Ninguém se arrisca à toa: os sentidos da vida para praticantes do esporte base jump”. In: Maria Claudia Coelho ; Claudia Barcellos Rezende. (Org.). *Cultura e Sentimentos - ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contra Capa/ FAPERJ, 2011, v. , p. 63-80.

RUI, Taniele C. *Corpos abjetos: etnografia em cenário de uso e comércio de crack*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UNICAMP: Campinas, 2012.

VARGAS, Eduardo Viana. *Entre a extensão e a intensidade: corporalidade, subjetivação e uso de “drogas”*, Belo Horizonte, 600 pp., tese, UFMG, 2001

_____ “Uso de drogas: a alter-ação como evento”. In: Revista de Antropologia, São Paulo, v. 49, p. 581-623, 2006. Rio de Janeiro, UFRJ (476 p.), 2006.